



Turismo

1121269-4

a TRIBUNA

VITÓRIA — ESPÍRITO SANTO

SUPLEMENTO ESPECIAL

SÁBADO — 27 DE NOVEMBRO DE 1999

CAPARAÓ

O encontro do Espírito Santo com o céu

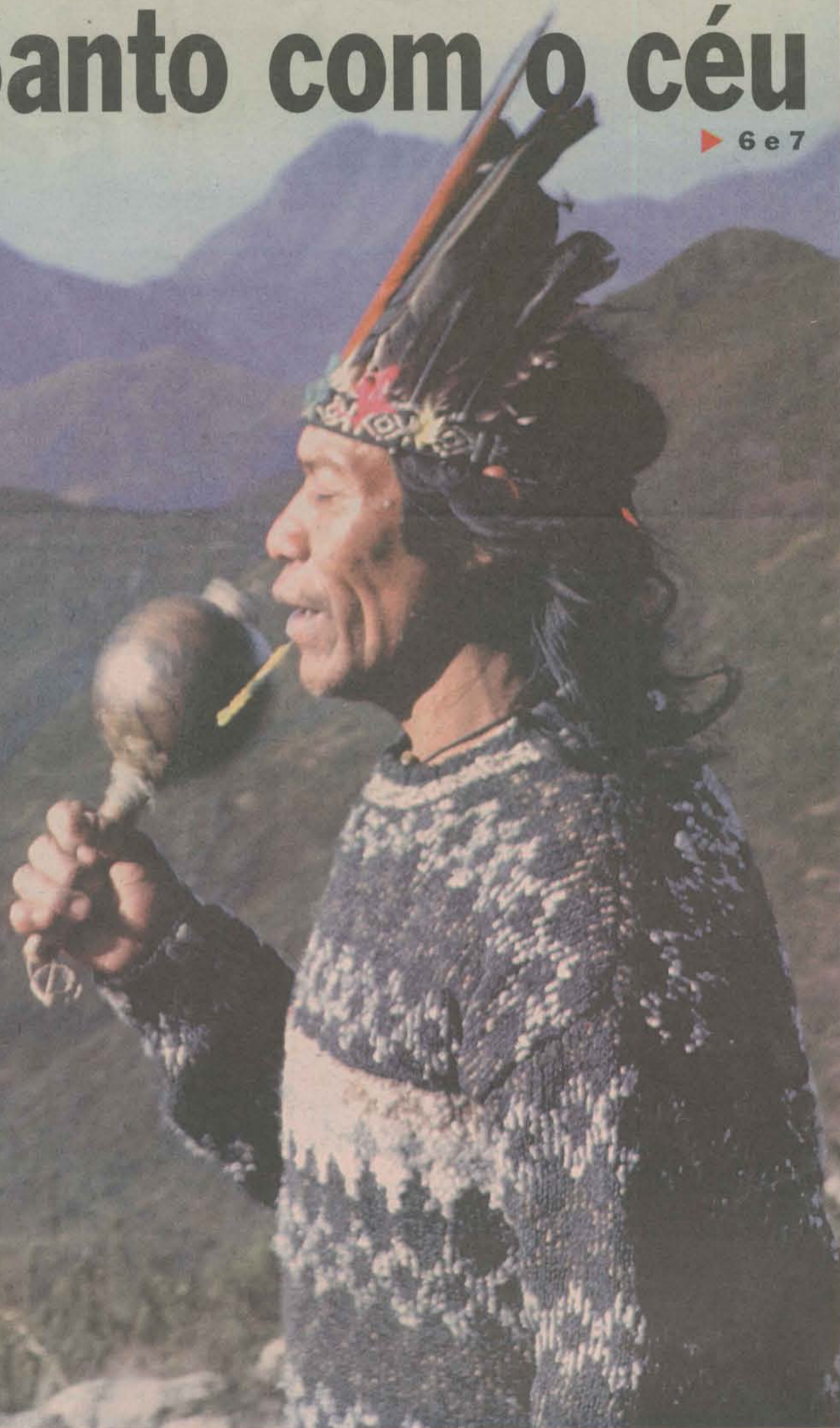
▶ 6 e 7

Os encantos de Barra Nova

▶ 2 e 3

O senhor das orquídeas

▶ 10 e 11



ESPÍRITO SANTO

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
SECRETARIA DE TURISMO

LITORAL NORTE



O passeio pelo rio Mariricu é uma das atrações para aqueles que gostam de contemplar a natureza

Barra Nova: um paraíso entre rio e mar

ANA PAULA HERZOG

Na década de 70, hippies, intelectuais e aventureiros começaram a descobrir vilarejos de pescadores como Trancoso, Arraial D'Ajuda, Itaúnas e outros e transformaram esses locais em verdadeiros paraísos da vida despreocupada, em harmonia com a natureza. Hoje, esses lugares recebem milhares de turistas e os refúgios alternativos parecem estar cada vez mais escassos.

Mas, aqui no Estado — em São Mateus — esconde-se Barra Nova, uma pequena vila de pescadores com belezas ainda desconhecidas pela maioria dos capixabas.

Quem já conhece sua praia paradisíaca e a simplicidade de seu povo, não hesita em apostar: Barra Nova tem tudo para ser a sucessora natural de Itaúnas como refúgio para os gostam de points alternativos.

SUCESSORA DE ITAÚNAS

Ao invés das dunas, Barra Nova apresenta uma geo-



grafia singular, onde o Rio Mariricu e o mar se unem em espetáculo único. Na foz do Mariricu se forma uma espécie de lagoa que separa a pequena vila do mar deixando apenas uma estreita passagem por onde passam os barcos de pesca.

Além da paisagem privilegiada da lagoa, que tem uma pequena ilha ao centro, essa formação é uma opção para os banhos, principalmente para as crianças e pessoas que fogem das ondas.

A lagoa também é ideal para a prática dos esportes aquáticos como jet ski, wind surf e caiaque. No final da tarde é comum ver os turistas pas-

Rota da tranquilidade

Existem duas formas de chegar a Barra Nova. Ou por Linhares, entrando em Pontal do Ipiranga ou passando por Guriri. A segunda, apesar de mais longe, é a opção para quem não se separa do carro de forma alguma.

É que passando por Pontal do Ipiranga, o visitante tem que deixar o carro em um estacionamento às margens do Mariricu e atravessar o rio de canoa, bote e outras embarcações. Levando em consideração o tamanho da vila, carro é um luxo totalmente dispensável.

seando de botes ou canoas.

As semelhanças entre Barra Nova e Itaúnas estão também na intervenção do homem na natureza, em dois casos raros onde a mão humana sem querer, foi responsável por um raro espetáculo.

Em Itaúnas foi o desmatamento que ocasionou as

De qualquer forma, as duas vias de acesso, ambas de estrada de chão, já demonstram o que aguarda o destino final. Indo por Guriri, a passagem é intercalada por planícies com muito verde, vegetação de restinga e exuberantes coqueiros, sempre margeada pelo rio Mariricu.

Por Pontal, o caminho é uma estrada estreita que segue paralela ao mar. As praias desertas no meio do caminho tornam obrigatória uma parada para os banhos.

Durante quase todo o percurso é possível admirar os

manguezais, que em Barra Nova atingem proporções quase sem igual no Estado, podendo atingir seis ou sete metros de altura. Com manguezais assim, o caranguejo não poderia faltar.

E por falar em bares, Barra Nova não oferece muitas opções para quem quer luxo e sofisticação. A vida noturna da vila resume-se aos forrós, que acontecem nos quiosques na beira da praia, e aos churrascos organizados pelos pescadores que — sempre hospitaleiros — costumam convidar também todos os visitantes.

dunas. Em Barra Nova, contam os pescadores mais antigos, que fazendeiros tão poderosos quanto ambiciosos, mandaram explodir o local onde hoje desemboca o Rio Mariricu, com o objetivo de tornar navegável sua foz para escoar madeira e outros produtos para Europa.

EXPEDIENTE

Jornalista responsável: Fabiana Pizzani — MTb 654/96
Sub-editora: Rejane Gandini
Pesquisa: Marta Caus e Renata Santos
Fotos: Tadeu Bianconi / Câmera 34
Edição: Dinâmica de Comunicação
(27) 325-3014

Pesca privilegiada

Barra Nova e Urussuquara são dois lugares que não podem deixar de fazer parte dos roteiros de quem gosta de uma boa pescaria. Tanto para pesca de arremesso quanto para pesca em barcos, a região é ideal.

Em Barra Nova, a foz do Rio Mariricu é o lugar preferido de quem pratica a pesca esportiva. As margens da lagoa que se forma no local onde o Mariricu desemboca no mar, existem formações rochosas. É ali que os pescadores amadores passam horas. Há quem prefira pescar dos barcos e botes, mas seja qual for a forma escolhida, todos garantem que existe abundância de peixes na região.

Pode parecer história de pescador, mas é raro ver alguém sair com o cesto vazio. É não podia ser diferente. A pesca é a principal fonte de renda de Barra Nova, o que traz uma grande vantagem para quem está iniciando nessa atividade. Os pescadores amadores podem contar com a experiência de velhos lobos

do mar, sempre dispostos a dar alguns conselhos para quem está começando.

Robalos, dourados, tainhas, namorados são algumas das espécies já fígadas pelos pescadores que frequentam a região, mas segundo os especialistas a variedade de peixes no local é enorme.

Em Urussuquara o forte é a pesca de arremesso. Ao longo de toda a praia pescadores passam horas aguardando suas presas. A incidência de peixes é tão grande que Urussuquara é frequentemente escolhida para sediar torneios de pesca esportiva.

Os linharenses estão entre os frequentadores mais assíduos da praia de Urussuquara, mas os turistas de outros estados, principalmente de São Paulo, já estão começando a descobrir esse paraíso da pesca.

Depois da pescaria, garantem os pescadores, vem a melhor parte – a hora de tomar uma cerveja gelada e saborear os peixes, que podem ser preparados nos quiosques à beira-mar.

Show da natureza em Urussuquara

Assim como em Barra Nova, na praia de Urussuquara, distante 60 Km de Linhares, a junção do rio com o mar é responsável pela beleza local. Em seu trecho final, o rio Barra Seca segue pela praia, paralelo ao mar, separados apenas por uma estreita faixa de areia.

Além de um espetáculo de beleza indiscutível, a proximidade entre o rio e o mar proporciona aos visitantes duas opções para banhos: as águas escuras, mornas e tranquilas do rio, que nesse trecho é tão raso que pode ser atravessado à pé, ou as ondas do mar, que em Urussuquara é muito azul.

A opção pelo mar é apenas para os mais aventureiros, já que é necessária uma certa dose de coragem para enfrentar as fortes ondas do local.

Se as ondas podem afugentar alguns banhistas, para quem pratica o surfe elas são mais do que convidati-

vas, transformando Urussuquara em um point obrigatório para os surfistas.

Em Urussuquara, agitação apenas a das ondas. A tranquilidade do lugar é ideal para quem quer relaxar e curtir a natureza. À noite, o único programa é sentar em um dos quiosques à beira da praia, de onde se pode observar a plataforma de petróleo da Petrobras, que à noite, aparece como um ponto luminoso no horizonte.

Mas se alguém quiser um pouco de agito é só ir a Pontal do Ipiranga, distante apenas 10 Km de Urussuquara, onde o forró rola solto. A natureza exuberante é, sem dúvida, o grande apelo de Urussuquara. Em alguns pontos erguem-se falésias de até oito metros de altura. Outro ponto forte da praia é a combinação de vários ecossistemas, inclusive com um trecho de Mata Atlântica preservada, o que torna o lugar único.

SERVIÇO

ONDE FICAR: Barra Nova também tem apenas uma pousada, mas não existe telefone no local. Os mais aventureiros podem levar uma barraca, já que não faltam locais para acampar. Urussuquara tem apenas uma pousada, que fica no meio de um bosque, de frente para a praia (Telefones: 984-3090 ou 264-2115).

ONDE COMER: Em Barra

Nova existem alguns quiosques à beira-mar, onde são servidos principalmente petiscos e porções de frutos do mar. Na vila existem alguns bares que servem refeições e pratos feitos. Em Urussuquara, as opções também são os quiosques à beira-mar. O visitante pode comprar os camarões vendidos pelos moradores da região e pedir para preparar nos quiosques.



O camarão também é encontrado com fartura tanto em Barra Nova como em Urussuquara

FOLCLORE

Folclore e religião na festa do mastro

Anote no seu caderno turístico o roteiro dos ciclos de apresentação das bandas de congo nas tradicionais festas de fincada de mastro e conheça um pouco da história dessa manifestação folclórica religiosa.

Por quase todos os recantos do Espírito Santo —principalmente em Vitória, Cariacica, Serra, Aracruz, Fundão, Timbuí, Aciole, Ibirapu, Alfredo Chaves, Guarapari, Colatina, São Mateus e Conceição da Barra — realizam-se as duas fases que compõem a festa: a cortada e a puxada do mastro.

Um mês antes da festa do santo (São Pedro, São Sebastião, São Benedito), ocorre a cortada do mastro. Um tronco, previamente escolhido, cortado e desganhado. Posteriormente é preparado e adornado com bandeirinhas, flores e fitas coloridas.

À festa comparecem o festeiro, os integrantes da banda de congo, devotos do santo e o povo em geral. O tronco é conduzido festivamente, ao som das toadas da banda, à casa do festeiro, onde permanecerá até o dia da puxada. Há mastros preparados com arte, pintados



de uma ou várias cores e desenhos; outros, porém, são toscos e ásperos, quase da grossura natural, menos no alto do mastro, onde será colocada a bandeira com pintura do santo em tela ou pano, encaixada na armação ou guarda de madeira. A puxada de mastro se realiza, via de regra, nas vésperas ou no dia do santo.

Posto o mastro sobre o barco ou navio, ou simplesmente conduzido por homens chamados de guardiões, começa a puxada. A festa é uma procissão diferente, sem santo nem andor, a não ser a representação do santo através da bandeira.

No decorrer da puxada, uma ou mais bandas de congo entoam, sem descanso, suas ve-

lhas músicas, ao som das quais dançam durante todo o percurso. O cortejo percorre as ruas da cidade ou vila, dirigindo-se à igreja.

Retira-se, então, o mastro do barco e a dança inicia-se, jogando-o ao alto e aparando-o nos braços, num entusiasmo contagiante, contracenando com vivas ao santo homenageado.

A cena final é a fincada do mastro, em frente ou ao lado da igreja. Fincado o mastro, os vivas, foguetes, sinos e o baticum frenético dos tambores da banda de congo anunciam o fim da festa.

“Se há festas do mastro em outros pontos do Brasil — e há, especialmente no ciclo junino — nenhuma assemelha-se às festas capixabas com a cortada, a puxada e a fincada do mastro — dentro do ritual profano-religioso que as distingue, com o Barco, o Mastro e a Bandeira do Santo e com o vibrante aparato poético-musical das Bandas de Congo”, afirma o folclorista Guilherme Santos Neves.

O ciclo das puxadas e fincadas de mastro no Estado, tem início no dia 25 de dezembro e prossegue até o dia 20 de janeiro.



ZANETE DADALTO

As crianças também participam da festa com a banda mirim

No Espírito Santo, você pode passar o verão na praia.



Dança de Congo

E pode passar o verão no inverno das montanhas.

Clima tropical em 416 km de praias. Clima de montanha com temperaturas que chegam a 18°C, em pleno verão nas cidades de colonização italiana e alemã. No Espírito Santo, a diferença de temperatura entre praia e montanha é grande. Pequena é a distância: menos de 1 hora de carro. Passe suas férias no Espírito Santo. É o melhor lugar para se curtir o verão. E, na mesma época, o inverno também.



Dança Alemã

ESPIRITO SANTO

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL SECRETARIA DE TURISMO

Bandas de congo cantam e encantam a memória do Estado

FOTOS: ZANETE DADALTO



O congo é uma manifestação folclórica que se mantém viva e atuante no Espírito Santo. Os primeiros registros das bandas de congo no Espírito Santo foram feitos por D. Pedro II, em sua passagem pela Serra, em 1860 e a mais antiga banda em atividade é a de Campinho da Serra, fundada em 1890.

Grupos compostos por homens e mulheres formam as bandas de congo, que tocam e cantam em dias de festas de santos (São Benedito, São Sebastião, São Pedro), durante as puxadas de mastro e em eventuais festas.

De modo geral, não há uma indumentária especial. Em alguns casos aparecem mulheres representando a rainha e conduzindo a bandeira com a figura do santo padroeiro e nestes casos são usadas roupas em azul e branco. As cantigas, sobre temas variados, guardados na memória ou improvisados, são entoadas de forma dolente, dando um toque de tristeza à apresentação.

Os instrumentos musicais são também em número variável, produzidos pelos próprios integrantes das bandas: são chocalhos, cuícas, casacas, tambores, caixas, ferrinhos (triângulos), sanfonas e pandeiros. Entre eles merece destaque a casaca, instrumento típico das bandas, também conhecida como reco-reco. Trata-se de um cilindro de madeira medindo entre 50 e 70 centímetros de comprimento, contendo uma lasca de bambu com talhos transversais em uma das faces, onde é passada uma vareta para produzir o som. Na extremidade superior se esculpe uma cabeça grotesca, com pescoço comprido, por onde se segura o instrumento.

Existem em média 50 bandas de congo espalhadas pelo Estado apresentando-se, predominantemente, no período compreendido entre 24 de dezembro e 20 de janeiro.



Na Barra do Jucu o ponto forte da festa é a procissão até a igreja



Força e devoção marcam a festa do mastro

Santo negro une culturas

Benedito nasceu na aldeia de Sanfratello, na Sicília (Itália), em 1526 e morreu em 1589. Seus pais eram libertos etíopes, trazidos à ilha pelos mouros. Benedito foi criatura humilde, lavrador, pastor, cozinheiro do convento de Santa Maria de Jesus, dos franciscanos menores, onde ingressou e onde, apesar de analfabeto, chegou à superioridade da casa, devido a sua sabedoria e religiosidade, sem deixar de ser irmão leigo. Foi nomeado vigário do convento e, depois, mestre de noviços, para retornar, finalmente, às panelas com a maior tranquilidade do mundo. Os milagres começaram desde cedo. Em Mancusa, curou uma mulher de um cancro no seio. Em outra

ocasião, transformou em rosas o lixo do convento. Do milagre ficou a tradição de presentear rosas a São Benedito. O povo conhecia Benedito até pela sombra, o seguia dia e noite, em busca de curas milagrosas, peregrinação que durou até sua morte, em Palermo. É por esta razão que a barca que carrega o mastro do santo, na tradicional fincada de mastro na Serra, traz o nome Palermo gravado na proa.

Não foram apenas as puxadas de mastro e as bandas de congo que elegeram o santo: no folclore capixaba, vamos encontrá-lo também nas folias. A devoção a São Benedito é algo peculiar, pois negros e brancos são iguais pela fé.

ROTEIRO DE FESTAS

24 e 25/12	Procissão de São Benedito – Bairro Santa Marta (Vitória)
25 a 27/12	Festa de São Benedito – Alfredo Chaves
26/12	Fincada do Mastro de São Benedito – Barra do Jucu (Vila Velha)
26/12	Festa de São Benedito – Aracruz
27/12	Festa de São Benedito – Povoação (Linhares)
27/12	Festa de São Benedito – São Mateus
31/12 e 01/01	Baile de Congo de São Benedito – Conceição da Barra
15 a 17/01	Festa de São Sebastião – Piúma
19 e 20/01	Festa de São Sebastião – Itaúnas
20/01	Festa de São Sebastião – Nova Almeida
20/01 a 22/01	Festa de São Benedito – Viana
20 a 24/01	Festa de São Sebastião e São Benedito – Fundão
22 e 23/01	Festa de São Sebastião – Aracruz
Data móvel	Festa de São Benedito – Ibraçu

MONTANHAS

Caparaó: o encontro do Espírito Santo com o céu



O acesso pelo lado capixaba mostra as faces desconhecidas aos visitantes do Parque Nacional do Caparaó, um pedaço do paraíso que ficou escondido até a abertura do portal de Pedra Menina, em Dorcas do Rio Preto. A região, bastante misteriosa, abre suas portas para os aventureiros descobrirem seus segredos.

Visita obrigatória para todos os que praticam trekking ou para os que gostariam de apreciar uma das mais belas paisagens do país, o Parque Nacional do Caparaó é uma das melhores opções e pode seguramente ser incluído entre os mais belos parques naturais do Brasil.

O Caparaó atrai centenas de visitantes, não só por ocupar uma posição de destaque entre os valores culturais e históricos do país, mas também por ter se tornado um sinônimo de beleza, com suas magníficas vistas panorâmicas e possibilidades de superação de desafios para aqueles que gostam de aventuras.

O Parque foi criado em 24 de maio de 1961, pelo Decreto Federal nº 50.646, assinado pelo então Presidente da República Jânio Quadros. Localiza-se a leste de Minas Gerais e sudoeste do Espírito Santo, ocupando parte dos municípios de Espera Feliz e Caparaó, em Minas e, Iúna, Alegre, Dorcas do Rio Preto e Divino São Lourenço, aqui no estado.

Com 26 mil hectares de área, a região possui temperaturas amenas que variam entre 19 e 22°C de dia, podendo chegar a 8°C negativos durante a noite, o que torna os agasalhos obrigatórios para enfrentar o frio noturno que paira sobre o parque.

A Mata Atlântica que cobre o Caparaó garante vegetação bastante variada e exuberante por ser o ecossistema que possui um dos maiores índices de biodiversidade no mundo. Quaresmeiras, palmeiras, jequitibás, bromélias e orquídeas são encontradas em profusão, paraíso para biólogos e cientistas.



Touchar as nuvens deixa de ser sonho para quem visita o Parque do Caparaó

No parque, refúgio de espécies da fauna brasileira sobreviventes da ação predatória do homem, são encontrados saracuras, siriemas, beija-flores, gaviões, papagaios, quatis, caxinguelês e espécies em extinção como o mono-carvoeiro.

A rede hidrográfica possui inúmeros rios perenes de pequeno e médio porte. Quedas d'água não faltam. A maior delas, a cachoeira Bonita, tem 80 m de queda livre e é um dos locais mais visitados do Parque, pois fica a apenas 350 m da Tronqueira (uma base de apoio para visitantes), partindo da portaria do lado mineiro. A melhor época para visitá-la é durante o verão, pois com as chuvas seu volume d'água aumenta consideravelmente.

Pode-se descer em segurança por uma escadaria, que leva à piscina formada pela queda d'água, ou ainda, para os praticantes do rapel, pelo meio da cachoeira, pois sua cascata é composta por dois degraus, possuindo estrutura favorável à fixação de cordas e grampos.

No alto da cachoeira existe um mirante que proporciona incrível visão panorâmica, dando uma idéia do tamanho da cachoeira. Não muito longe, estão as gigantes piscinas naturais - algumas chegam a atingir 20 m de comprimento e profundidade desconhecida. O local é de fácil acesso e não traz desgaste aos aventureiros.

Pico da Bandeira é o mais visitado

Ponto alto do Parque Nacional do Caparaó, o Pico da Bandeira atrai montanhistas de todo o Brasil. É o terceiro mais alto do país, com 2889 m de altura, ficando atrás do Pico da Neblina (3014 m) e do Pico 31 de março (2292 m).

O Pico recebeu esse nome porque em 1859 D. Pedro II mandou colocar uma bandeira do Império lá, acreditando ser o ponto mais alto do Brasil. A subida parece uma tarefa difícil, mas andando devagar e apreciando a bela paisagem, torna-se muito agradável, só ficando mais puxado, nos 2

km finais. A vista que se tem do topo é magnífica. Podemos ver as cidades vizinhas do parque e em julho, sem nuvens e com binóculos, pode-se avistar o litoral capixaba.

De dia leva-se de 3 a quatro horas para subir ao pico e à noite, cerca de 5 horas. Seguir à noite só é aconselhável se for com o acompanhamento de guias ou pessoas acostumadas com a região, pois a trilha fica confusa no escuro.

No topo do pico a temperatura pode chegar a 10°C negativos e somada aos ventos que sopram

sem cessar, o frio chega a ser torturante para quem não está bem agasalhado.

Para presenciar o magnífico nascer do sol é necessária muita disposição para começar a caminhada horas antes, apesar da subida ser desgastante, assistir a esse espetáculo a quase 3:000 m compensa todo o sacrifício.

Se estiver nublado, as nuvens estarão ao seu redor ou abaixo de você e tem-se a impressão de que são imensos bolos de algodão flutuando, passíveis de serem tocados com as mãos.

SERVIÇO

Há ônibus saindo de Vitória para Manhumirim, de onde se pega outro para Alto Caparaó ou Dorcas do Rio Preto. Não há hotéis na cidade de Dorcas do Rio Preto, mas está sendo implantado com grande sucesso pelo governo o sistema de hospedagem Cama e Café: os visitantes ficam hospedados nas casas dos moradores da região. Para isso basta cadastrar-se na Prefeitura da cidade, de onde o visitante será encaminhado para uma casa. Há também a possibilidade de acampamento dentro do Parque.

Na cidade de Alto Caparaó, há diversas pousadas e hotéis para quem não quiser ficar acampado.

Aqui vão algumas dicas para quem pretende visitar o parque:

Evitar levar peso;

Levar agasalhos e calçados próprios para a prática de montanhismo;

Andar sempre acompanhado e seguir somente pelas trilhas para não se perder;

Não se locomover com cerração; Informar-se sobre as condições climáticas na época de sua visita;

Observar e respeitar a sinalização; Não arriscar-se à toa. As pedras das cachoeiras e riachos são muito lisas e no caso de algum acidente o socorro pode demorar a chegar;

Não jogar lixo nas trilhas e dependências do Parque;

Não descuidar com cigarros ou outros objetos que possam causar incêndios;

Não esquecer a máquina fotográfica !!!

Acampamento

Equipamentos para acampar com segurança

Barraca, saco de dormir, karrimat (isolante térmico para ser usado embaixo do saco de dormir (pode ser substituído por camadas de jornal), roupas de frio, bem como gorros e luvas, lanterna, cantil, óculos escuros, bonês e protetor solar para as caminhadas de dia, bota para caminhada (de preferência de cano alto).

Sites relacionados na Internet:
www.geocities.com/Yosemite/Geyser/2360

www.netmar.com/~caparaó

www.ibama.gov.br

www.geocities.com/Yosemite/8929

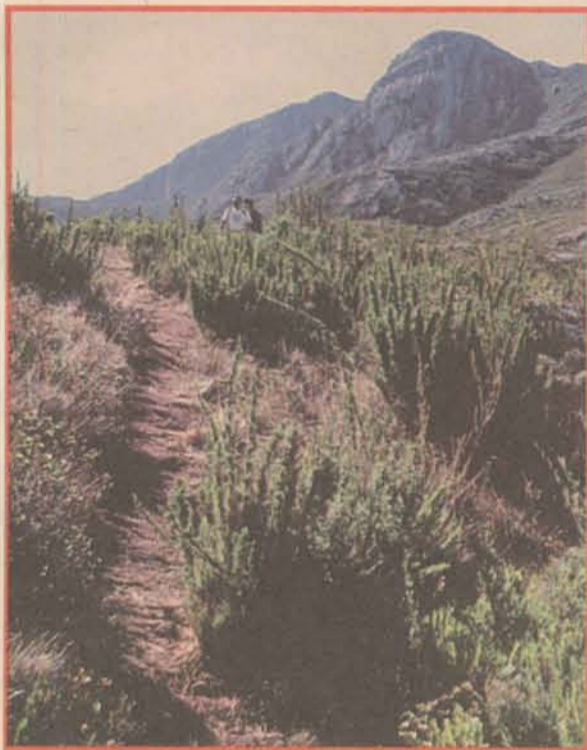
www.easygold.com.br/Kranio

Trilhas para quem gosta de aventura

Atualmente existem duas portarias de acesso ao parque: uma pelo lado mineiro e outra recentemente aberta pela lado capixaba. Apesar de 2/3 do parque estar em terras capixabas, o acesso por Minas Gerais é mais antigo e popular, porém com a abertura do acesso pelo Espírito Santo, o Caparaó revelará sua face desconhecida aos visitantes, com trilhas mais selvagens e inéditas mesmo para os que já são velhos conhecidos do parque.

O acesso fica no município de Dolores do Rio Preto, no distrito de Pedra Menina, e quando totalmente implantado propiciará a mesma infra-estrutura oferecida a quem sobe por Minas Gerais, representando a opção ideal para os moradores do Estado e para quem vier pelo Rio de Janeiro.

O IBAMA teve a preocupação de transplantar as espécies removíveis, como bromélias e orquídeas, que estavam no caminho a ser aberto pela nova trilha. Esta estrada porém, ainda



Natureza e ar puro convidam às caminhadas

não foi devidamente pavimentada, restringindo o acesso aos veículos off-road. A partir da portaria de Pedra Menina, no Espírito Santo, fica o platô da Macieira.

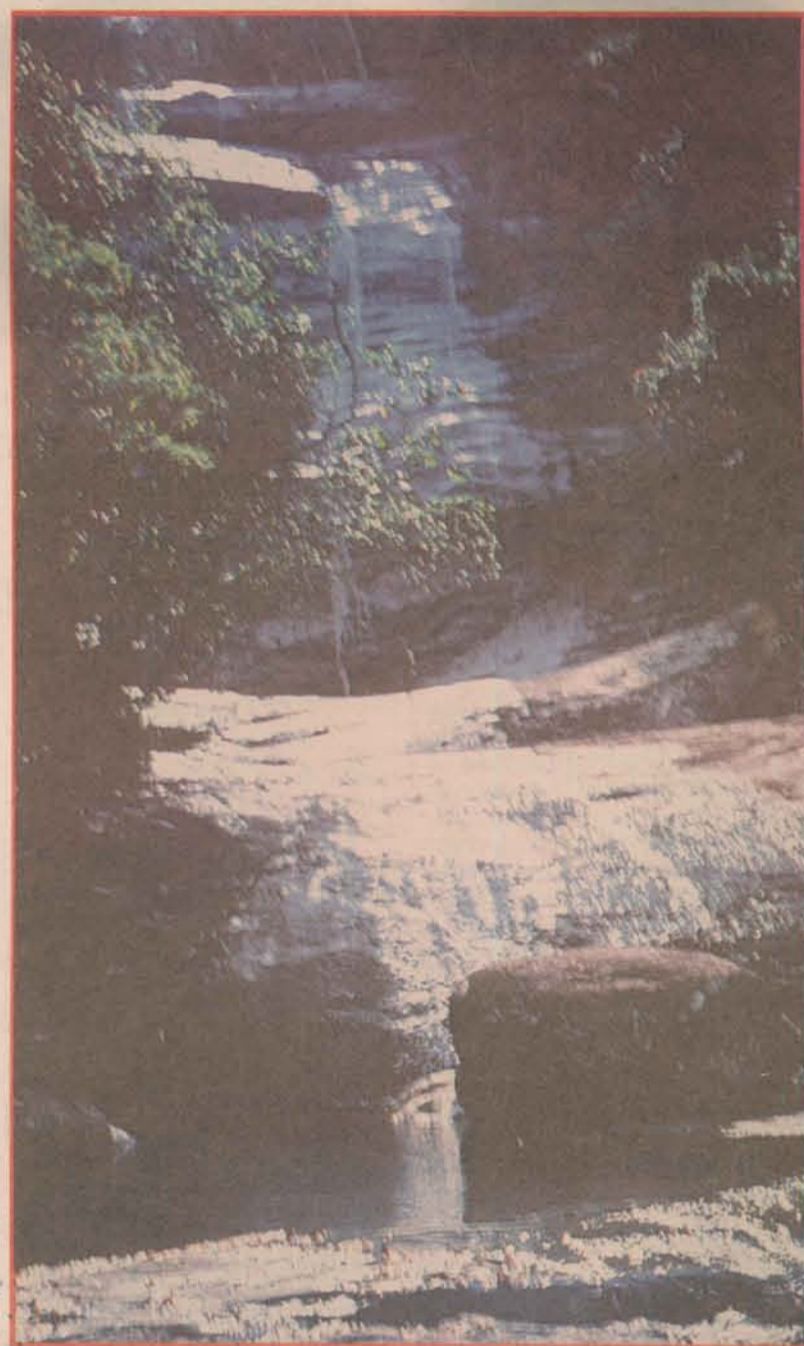
Situado ao longo do Rio São Domingos, a 1800 metros de al-

titude, é cortado pela estrada que dá acesso à casa queimada, à cachoeira do Aurélio e aos picos da Bandeira, do Cristal e do Camilo.

Distante cerca de 5 km da macieira em direção aos picos, fica a Casa Queimada, uma área com um lindo visual, a 2160 m de altitude. Lá estão ainda em fase de acabamento uma área de acampamento equipada com sanitários e lava-pratos e um posto de guardas.

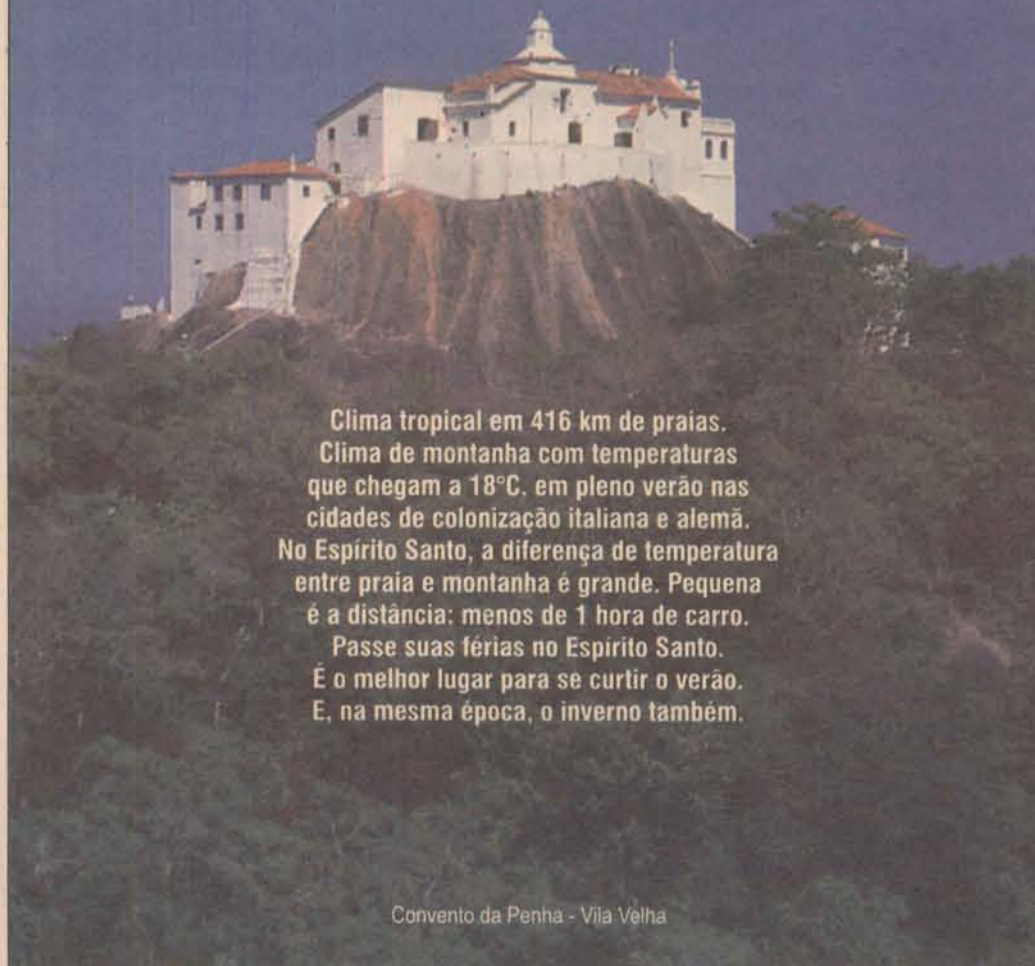
Pode-se chegar de carro a partir da sede capixaba do parque restando apenas 3,5 km de caminhada até o Pico da Bandeira. Uma opção mais atrativa para aqueles que não tem fôlego para cobrir os 9 km de caminhada a partir da Tronqueira, no lado mineiro.

Ao lado do Pico da Bandeira podem ser avistados o Pico do Cristal com 2789 m, e o do Calçado, com 2768 m, respectivamente 5º e 8º maiores do país. As trilhas que levam a eles são de difícil acesso e precárias, aconselhando-se novamente aos mais corajosos somente segui-las com guias.



Quase todos os caminhos levam às cachoeiras com lagoas naturais

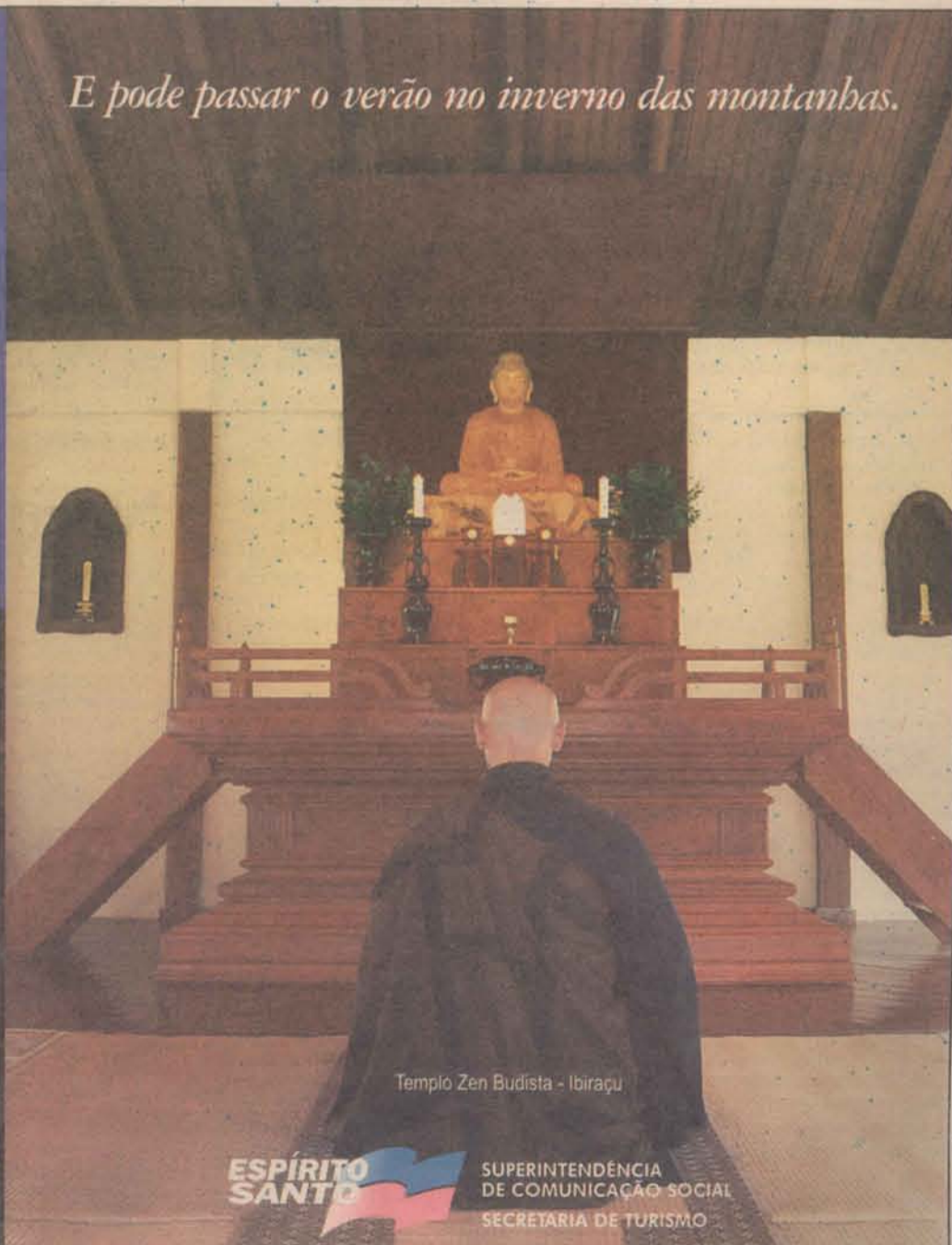
No Espírito Santo, você pode passar o verão na praia.



Clima tropical em 416 km de praias.
Clima de montanha com temperaturas que chegam a 18°C. em pleno verão nas cidades de colonização italiana e alemã.
No Espírito Santo, a diferença de temperatura entre praia e montanha é grande. Pequena é a distância: menos de 1 hora de carro.
Passe suas férias no Espírito Santo.
É o melhor lugar para se curtir o verão.
E, na mesma época, o inverno também.

Convento da Penha - Vila Velha

E pode passar o verão no inverno das montanhas.



Templo Zen Budista - Ibirapu

ESPIRITO SANTO

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
SECRETARIA DE TURISMO

RODOVIA DO SOL

Guarapari: mar para homens e peixes

Guarapari é uma cidade tranqüila na maior parte do ano. A 50 quilômetros da capital, Vitória, sua população de 72 mil habitantes e as 28 praias parecem preparar-se durante todo o ano para a grande festa de verão, quando Guarapari é invadida por turistas de todo o Brasil. A população fica cinco vezes maior e diversão não falta para ninguém.

Quem procura tranqüilidade pode se alojar em praias como Santa Mônica ou Setiba. Para os mais agitados, a Praia do Morro, Meaípe e as praias do centro, Castanheiras, do Meio e Areia Preta, ficam lotadas. Bares, feiras de artesanato, comidas típicas, boates, muita música e gente bronzeada. Assim é a cara da cidade nos meses de janeiro e fevereiro.

Mas não é tudo. Além da beleza natural das praias e montanhas que circundam a região, das propriedades medicinais da tão procurada areia monazítica (para tratamento de reumatismo e artrite), Guarapari tem uma característica que atrai um tipo específico de turista: o turista-sub. É aquele que não se contenta em admirar o mar sentado na areia da praia. Ele que ir mais fundo. E o espetáculo de baixo da água está armado.

A fauna marinha é exuberante, com direito a moréias, corais, tartarugas, baiacus, paguros, peixes-trombeta, várias espécies de estrelas-do-mar e uma infini-



dade de peixinhos de aquários, além dos vários naufrágios escondidos pelas águas.

Três operadoras levam os mergulhadores para as principais ilhas da região: a Escalvada (também conhecida como ilha do farol), as Rasas (um arquipélago que abriga o Bellúcia - um naufrágio de 1903) e as Três Ilhas (que na verdade são cinco).

Mas aqueles mergulhadores que não querem ter despesas com transporte até as ilhas e aluguel de equipamentos, não ficam a ver navios. Um mergulho de apnéia (no fôlego) pode ser muito compensador. Os melhores pontos são o Morro da Pescaria, as praias do centro e as Três Praias.

O snorkel (canudo para respirar), a máscara e as nadadeiras são suficientes. Mas se o mergulhador quiser saber ainda mais, o melhor mesmo é levar uma roupa de neoprene e lastro. A temperatura da água varia entre 20°C a 23°C.

Várias formas de mergulhar

Noturnos, diurnos, profundos, de apnéia ou em naufrágios. Não importa a especialidade. O fato é que a costa do município de Guarapari oferece opções para a maioria dos mergulhadores. Dos mais tranqüilos aos mais ousados.

Se o mergulhador não quer embarcar para chegar às ilhas, mas não se contenta apenas com mergulhos de apnéia, o melhor mesmo é levar todo o seu equipamento para a areia da praia e começar sua aventura sem ter que se preocupar com o balanço do barco.

Um ponto de partida bem convidativo é a Praia da Cerca, que fica próxima a Praia do Morro, muito conhecida e freqüentada. O mergulho deve ser feito costeando os pedrões do morro. O acesso é

fácil, o que é fundamental em saídas pela praia. Quem não está acostumado à aventuras assim, é bom lembrar: os livros e os instrutores de mergulho recomendam se equipar fora da água e fazer a entrada de costas para o mar.

Outros pontos são as praias do Morro, as do centro, Meaípe e Nova Guarapari. Para quem não tem todo o equipamento vale lembrar que nem todas as operadoras alugam material para mergulhos particulares.

Mas para muitos mergulhadores não importa sair da praia ou de barco. O que importa é a hora do mergulho. Quando o sol

se põe é o momento de preparar-se para um bom mergulho noturno. Muita gente acha loucura, mas existem mergulhadores que sentem um prazer especial em apreciar o mundo marinho depois que o sol já deixou de brilhar.

Segundo o mergulhadora mineira Marina Porto, 22 anos, "mergulhar à noite é sentir com mais intensidade a energia do mar. Os peixes não se importam com a nossa aproximação e podemos até tocá-los. As cores parecem mais bonitas com a luz da lanterna".

Já para Marcelo Araújo, 18 anos, "o melhor do mergulho noturno é a possibilidade de encontrar peixes e animais exóticos, que não são vistos de dia".

Mas para mergulhar à noite é bom conhecer as técnicas. Existem cursos especializados em formar mergulhadores nesse tipo de especialidade e as regras básicas não são lá coisa de outro mundo. A primeira é conhecer a área do mergulho. A segunda, não menos importante, é ter duas lanternas. Esquecer de ligar a lanterna antes de entrar na água pode ser desastroso porque ela provavelmente vai alagar e estragar.

Outra regra muito usada pelos mergulhadores noturnos é não esquecer de levar o cialume, uma luz química em forma de bastão que, presa ao equipamento, ajuda a localizar e, dependendo da cor, a identificar o mergulhador.



Uma infinidade de vida tomou conta das embarcações que foram ao fundo do mar

Naufrágios são espetáculo à parte

No Estado existem 49 naufrágios catalogados pelo Sistema de Informação de Naufrágios (Sinau). Conhecer uma embarcação naufragada há tempos é uma aventura cheia de mistério e beleza.

É bem verdade que os naufrágios de Guarapari não escondem aquele lado tão fúnebre como outros naufrágios do país. Ninguém corre o risco de encontrar restos de roupas ou ossos de naufragos. O que se encontra, em alguns deles, são utensílios utilizados pela tripulação.

O que o mergulhador vê é uma infinidade de formas de vida. A estrutura das embarcações, hélices, caldeiras, convés, foram tomadas por algas e corais, e com o tempo atraíram uma comunidade diversificada de peixes e invertebrados.

Próximo às Ilhas Rasas está afundado um cargueiro inglês que está entre os mais visitados do Brasil. O Bellúcia, ou Bellú-

cio como é conhecido, afundou em fevereiro de 1903. Ele bateu contra as pedras mais baixas da ilha e se partiu ao meio. Segundo relatos do Sinau, por causa da proximidade da costa, a tripulação provavelmente escapou da morte.

Além do Bellúcia, próximo às Rasas estão também afundados um veleiro e uma chata (espécie de rebocador). Outro naufrágio, menor mas nem por isso menos atrativo, é o vapor Guanabara. Ele fica na Praia de Guanabara, depois de Meaípe.

Enquanto o Bellúcia está entre 22 e 28 metros de profundidade, esse não passa dos 6 metros. Para visitá-lo, o mergulhador com um bom condicionamento físico não precisa nem de embarcação. Pode sair da praia e nadar 300 metros até encontrar a proa do vapor.

Por isso, para conhecer o Guanabara não é essencial o uso de cilindros, coletes e regulador. Ele

está aberto aos apneístas, que além da bela visão do naufrágio podem se deparar com lagostas escondidas nas ferragens e caldeiras. Mas, quem deseja conhecer bem o Guanabara é melhor descer todo equipado e aproveitar o longo tempo de fundo.

Segundo o mergulhador Jaime Zeymer, 51 anos, "o vapor está em uma área de boa visibilidade, principalmente devido à pouca profundidade. Apesar de estar inteiro muitas peças como hélices e máquinas parecem já ter sido retiradas".

Faria Lemos é o nome de outro cargueiro inglês naufragado na região. Ele está próximo a Nova Guarapari, em uma profundidade entre 10 e 13 metros. Para completar o roteiro de naufrágios basta dar uma olhadinha no vapor Beppo. Ele está afundado entre a Ilha da Raposa e o Morro da Pescaria, na Praia do Morro. A profundidade varia entre 6 e 8 metros.

Exploradores da natureza submersa

O mar de Guarapari dá aos mergulhadores a chance de escolher o tipo de mergulho que querem fazer. Se a intenção é mergulhar sem muita preocupação com correntes marítimas e admirar a bela fauna, o melhor caminho é a Escalvada, uma bela ilha que fica a 8 quilômetros da costa, aproximadamente trinta minutos de lancha.

A ilha foi escolhida por duas espécies de andorinhas-do-mar para realizarem a reprodução e por isso não pode ser visitada sem autorização da Associação Vila-velhense de Proteção Ambiental (Avidepa).

Mas é lá no fundo do mar que está a grande diversão. Descendo pelo lado sul da ilha é certo encontrar florestas de gorgônias, aranhas-do-mar, anêmonas gigantes, várias espécies de estrelas, diversos corais e cardumes de marimbás, sargentos, jaguriças, barrigudinhos e xarés, entre muitos outros. Também podem ser vistos vários cilindros de gás utiliza-

dos antigamente para a iluminação do farol e que, agora, cobertos de algas e corais, servem de abrigo para peixes pequenos, crustáceos e moréias.

Alguns mergulhadores de mais sorte já ficaram frente a frente com arraias-jamanta e tartarugas, que de vez em quando passeiam por ali.

Segundo o instrutor de mergulho Gustavo Mercadante, a Escalvada é um dos melhores pontos do Espírito Santo, sem muita correnteza e com profundidades entre 8 e 23 metros.

RASAS

Quem procura mais emoção e já tem alguma experiência com mergulho autônomo (com ar comprimido), as Ilhas Rasas podem surpreender.

Elas ficam a 9 quilômetros da costa e na viagem, que dura em média 40 minutos, o mergulhador pode admirar os golfinhos que geralmente aparecem.

Nos paredões das ilhas existem belas formações de corais e vários pedrões embelezam o



Temperatura e visibilidade da água possibilitam deslumbrantes passeios submarinos

relevo do fundo. Com esse belo cenário uma abundante fauna não poderia faltar.

Mas, o maior atrativo das Rasas são os naufrágios. Um deles é o cargueiro inglês Bellúcia, que há 95 anos repousa no fundo próximo às ilhas.

Segundo Gustavo, o mergulho nas Rasas se divide em vários pontos, com profundidades entre 18 e 30 metros. "Além da diversão com a beleza natural, os mergulhadores mais atentos podem encontrar ainda balas de canhão utilizadas

em treinamentos da marinha", afirma o instrutor.

TRÊS ILHAS

A 13 quilômetros de Guarapari, Três Ilhas não recebe visitas apenas de mergulhadores e pescadores. As várias escunas que transportam turistas, acabam aportando por lá.

O desembarque é permitido em duas das ilhas, a Quitongo e a Cambião, que é a maior delas. O nome Três Ilhas surgiu porque da costa só se avistam três. Porém, existem ainda a

Guararema, a Guachumbas, a pequena Leste-oeste e duas pedras que ajudam a embelezar o arquipélago: a Pedra dos Patos e a Ilha Toaninha.

O passeio até as Três Ilhas pode levar entre 45 minutos e uma hora e meia, dependendo da embarcação. Chegando lá logo são avistadas as piscinas naturais. O mergulho é tranquilo, sem correnteza, com boa visibilidade e com uma rica fauna marinha. As profundidades variam entre 3 e 12 metros.

No Espírito Santo, você pode passar o verão na praia.

E pode passar o verão no inverno das montanhas.

Clima tropical em 416 km de praias.
Clima de montanha com temperaturas que chegam a 13°C, em pleno verão nas cidades de colonização italiana e alemã.
No Espírito Santo, a diferença de temperatura entre praia e montanha é grande. Pequena é a distância: menos de 1 hora de carro.
Passe suas férias no Espírito Santo.
É o melhor lugar para se curtir o verão.
E, na mesma época, o inverno também.

Moqueca e torta capixaba

ESPÍRITO SANTO

SUPERINTENDÊNCIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
SECRETARIA DE TURISMO

PERSONALIDADE

Beleza e paixão em livro



O pesquisador capixaba, Roberto A. Kautsky vai lançar o primeiro livro sobre suas descobertas. Foram quase 70 anos de observações e mais de 150 descobertas sobre orquídeas, bromélias e outras plantas. Ele é uma das maiores autoridades no mundo quando se trata de orquídeas e escolheu uma área de 30 hectares em Domingos Martins, na serra capixaba, para estudar e conservar essas espécies.

O livro mostra aproximadamente 140 espécies de orquídeas e bromélias, além de anfíbios raros que são encontrados na fauna brasileira. Kautsky dá dicas de como cultivar essas plantas, aponta as precauções que devem ser tomadas e o modo de combater as pragas e doenças que atacam as orquídeas e bromélias.

Para Kautsky, a obra é um manual de técnicas e um indicador de espécies e curiosidades, abordados através de uma linguagem coloquial. O trabalho de pesquisa do autor é reconhe-



O livro *A Beleza Exótica das Orquídeas e Bromélias* apresenta aproximadamente 140 espécies, além de vários anfíbios.

cido mundialmente através de publicações oficiais no Brasil, Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Japão, França e Suíça, dentre outros países.

São 200 páginas em papel couché fosco, e aplicação de verniz nas fotos de destaque, que colocam em evidência a importância da pesquisa de Kautsky. O li-

vro, que terá perfume de orquídea, foi escrito em três idiomas e conta com edição limitada. O lançamento vai acontecer primeiro em Brasília (14/12), na

Confederação Nacional das Indústrias, e depois em Vitória, no dia 20 de dezembro, na Federação das Indústrias do Espírito Santo (Findes).

O encantador de orquídeas

Roberto Anselmo Kautsky, 76 anos, tem um jeito formal, típico de um descendente de austríacos. Porte altivo, memória infalível e um conhecimento que deixa qualquer especialista em botânica boquiaberto dissimulam a idade real.

Ele mora numa casa simples em Domingos Martins, onde as plantas ocupam a maior parte do terreno. Um passeio pelo quintal mostra mais da personalidade dessa figura reservada, de gestos contidos, do que uma hora de conversa.

Entre o verde e o colorido das flores ele deixa escapar o cuidado e a intimidade com a natureza, uma relação tão próxima que o transformou em um encantador de orquídeas.

Livros estrangeiros e publicações científicas brasileiras serviram de base para que ele estudasse as espécies que desconhecia. Hoje, é a ele que recorrem pesquisadores de universidades quando têm dúvidas com relação às descobertas.

Com a simplicidade de quem conhece a natureza das plantas, Kautsky ensina: "Uma or-

quídea no seu habitat não morre. Qualquer planta bem cuidada vive muito. Deveria servir de exemplo para o homem". A lógica que apreendeu em suas incursões pela mata parece ter sido aplicada à sua existência.

A vitalidade de Kautsky impressiona, como se ele, a exemplo das plantas bem cuidadas, fosse imortal. A trajetória desse apaixonado por bromélias e orquídeas começou aos nove anos, em 1933, acompanhando o pai, Roberto Carlos Kautsky, nas matas de Domingos Martins, região serrana do Espírito Santo, a 43 quilômetros de Vitória.

"Meu pai era comerciante em Santa Isabel e resolveu arriscar o dinheiro em café. Resultado: faliu. Foi chamado por meu avô para trabalhar com ele. Enquanto



A paixão pelas orquídeas foi herdada do pai

derrubavam um pedaço da mata para construir um dos galpões da fábrica de vinho é que ele viu essas flores sobre árvores e teve o gosto despertado, recorda Roberto Kautsky.

A paixão de Roberto (pai) passou para o filho. Em 1938, Kautsky foi para Vitória estudar no Ginásio São Vicente de Paula. "Lembro que meu pai me mandava

plantas por ônibus e eu levava na casa de Maria Stella de Novaes, que as classificavam. Às vezes, mandávamos para o Rio ou São Paulo, para pessoas que entendiam mais".

Anos de autodidatismo fizeram com que Kautsky devorasse todos os livros que aparecessem em sua frente. O olhar do menino nunca cedeu às responsabilidades que a idade e o tempo exigiam. Estudou Direito, assumiu a direção da fábrica de Refrigerantes Coroa e da Água Campinho, de propriedade da família, mas nunca deixou de ir à mata à procura de novidades.

A preocupação com a natureza fazia com que ele, volta e meia, carregasse funcionários da empresa para retirar espécies da flora em locais que estavam sen-

do desmatados. O objetivo de Kautsky filho agora era de levar essas plantas para um lugar seguro, onde pudessem ser preservadas e se reproduzir.

O lugar escolhido para conservar essas espécies é uma área de mata atlântica de 30 hectares, pertencente aos Kautsky. Nela podem ser encontrar nada menos que 100 mil plantas e espécies raras da fauna.

"Desde pequeno temos essa mata e até hoje, confesso que não consegui ver tudo que a natureza reproduziu", afirma. Lá, além das bromélias e orquídeas, podem ser encontrados quatro tipos de macacos, inclusive o mono carvoeiro, endêmico da Mata Atlântica e considerado o maior símio das Américas - atingindo até 1,20m de altura, borboletas vistas somente na região serrana do Estado e dadas como extintas em outras áreas, insetos ou pererecas observadas ali pela primeira vez no mundo.



Um espaço reservado

Para o naturalista o símbolo do Estado deveria ser uma orquídea, a *Laelia tenebrosa*, segundo ele, tipicamente capixaba: "Já sugeri que essa espécie fosse adotada em selos e outros produtos que caracterizassem o Espírito Santo".

Em 1963 Roberto Kautsky começou a conhecer pessoas que reconheceram nele uma autoridade em orquídeas e bromélias. "Fui apresentado a um diretor da Varig, Guido Pabst, e ao alemão Dungs, fabricante de serra de aço que queria fazer um livro sobre orquídeas. Ele pediu a minha colaboração e em contato com essas duas pessoas, as orquídeas com o meu nome começaram a aparecer".

Mas foi no final dos anos 60 que o menino, já com mais de 40 anos e industrial, viu um exemplar que nunca esqueceu. "Era uma orquídea com três labelos. Normalmente, a orquídea só tem um, mas essa tinha sofrido uma mutação genética. Mande-i-a para a Alemanha, na esperança de fazer um clone. Achei que a Alemanha era um grande centro, mas errei. A planta começou a definhando e eles então a mandaram para o orquidário Vacherot e Lacoufle, em Paris, onde em 1972 ela morreu", lamenta.

Essa planta rara - de acordo com Kautsky, um caso do gênero aparece de 100 em 100 anos - está documentada em vários livros e foi dedicada por Kautsky ao seu pai.



Kautsky quer preservar espécies como a *Cattleya warneri* (ao lado). Ele vai instalar uma fundação para dar continuidade ao trabalho que tem atraído gente de várias partes do mundo.

gado a mais de 100 orquídeas e 340 bromélias descritas. Existem ainda novas descobertas publicadas no Japão, Alemanha, EUA, Inglaterra, França, Suíça", ilustra.

O trabalho desenvolvido por Kautsky já atraiu gente do mundo todo, desde cientistas do porte de Bern Rauh, da Universidade de Heideger, até o ex-chairman da Companhia Vale do Rio Doce, Eliezer Batista.

Além da fauna e da flora, no ponto alto do terreno do pesquisador, localizado a 850 metros de altitude, pode-se ver uma paisagem rara: a baía de Vitória cortada pela Terceira Ponte, que liga a capital a Vila Velha. Parece incrível que seja possível avistar o mar, mesmo a quase 50 quilômetros de distância.

Sem sair da serra capixaba, Kautsky conquista o mundo. Em Curitiba, uma ala do Jardim Botânico levou seu nome. "Não conheço pessoalmente, mas já vi fotos e converso sempre com o diretor, que sempre vem me visitar. Sei que o orquidário do Mosteiro Zen Budista (em Ibirapu, ao Norte do Estado) leva o meu nome, no Sul da Bahia tem outro e o bromeliário do Horto municipal de Vitória também chama-se Roberto Kautsky", confirma o pesquisador.

A paixão dele por plantas e insetos consome parte de seu tempo e pelo menos meia sala de sua casa com literatura específica. Hoje, aos 76 anos, confessa que já não tem tanto tempo para subir até a sua reserva particular, distante dois quilômetros de sua casa.

"Estou montando um orquidário e trazendo espécies que coloquei na mata desde 1970

para cá. Inclusive as raridades, já passei para um amigo de Vitória clonar. Quero que seja garantida a reprodução delas", conta. Seu outro projeto é garantir a preservação da reserva particular. "Como minha família é grande, penso em transformar a mata em fundação, em homenagem ao meu pai, que foi o grande incentivador dessa minha paixão por orquídeas. Imagino fa-

zer como Burle Max, que transformou sua terra em fundação", adianta.

A preocupação de Roberto Kautsky com conservação de sua floresta particular tem fundamento. Afinal, nela pesquisadores do mundo todo estudam plantas e animais. Só em seu nome foram catalogadas mais de 100 plantas e outras 150 aguardam o resultado. "Meu nome hoje está li-

GRANDE VITÓRIA

Vitória vista do mar

Que Vitória é uma das cidades mais bonitas do país não é nenhuma novidade, mas alguns de seus encantos rompem os limites terrestres e só pode dizer que conhece todas as belezas dessa ilha, quem já ousou desvendar suas águas.

Mesmo tendo que atravessar com frequência as seis pontes que ligam Vitória ao continente, muitas vezes é fácil esquecer que estamos em uma ilha, mas um passeio de escuna pela baía de Vitória pode refrescar a memória, como também revelar algumas surpresas. Para isso não é necessário muito espírito aventureiro.

O ponto de partida da Escuna Cores do Mar, única que oferece esse serviço turístico, é o pier de Camburi, na foz do Rio da Passagem, onde a estátua de Iemanjá parece abençoar a aventura marítima. São dois roteiros à disposição de capixabas e turistas.

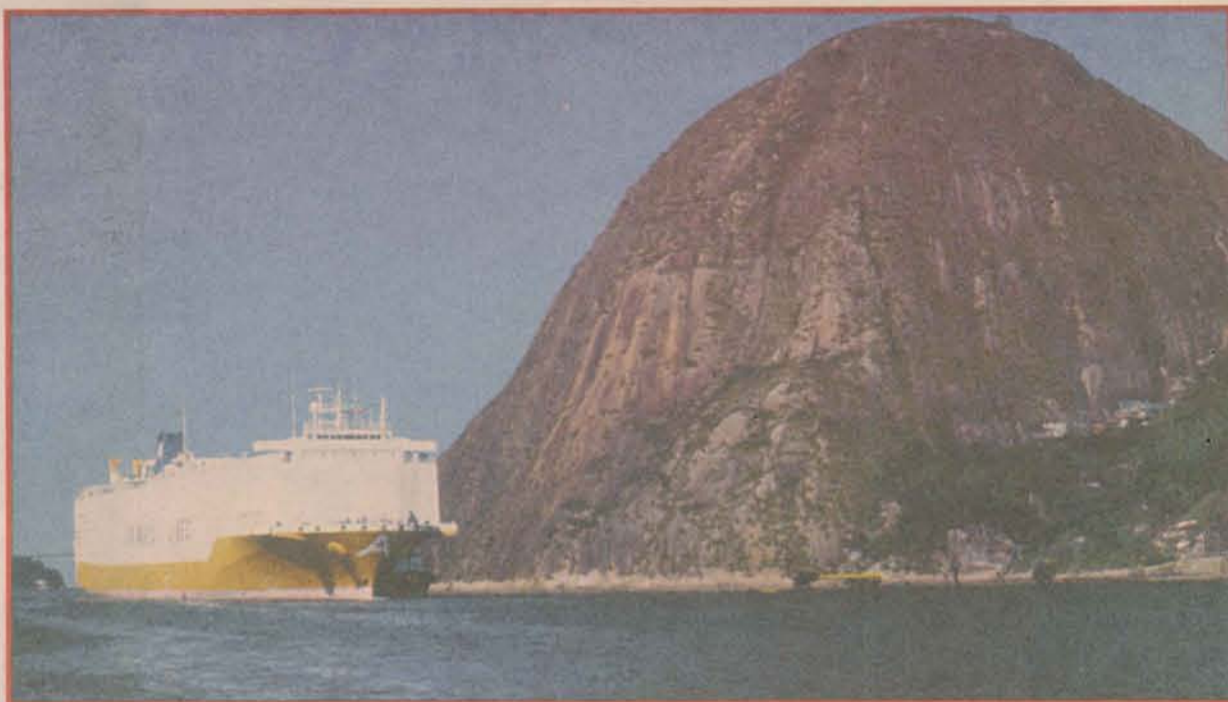
O primeiro, com saída às 10 horas da manhã, passa por Camburi e vai até Vila Velha, próximo ao Clube Libanês. O destino do segundo, que sai às 16 horas, é o Centro de Vitória. A duração dos passeios é de duas horas, tempo que apesar de suficiente para conhecer um pouco mais da orla, deixa os visitantes com gostinho de quero mais.



Apesar do passeio já fazer parte da programação da maioria dos turistas que visitam a cidade, os capixabas ainda não são frequentadores assíduos. De acordo com o proprietário da Cores do Mar, Carlos Fernando Lima, a embarcação costuma receber uma média de 70% de turistas e apenas 30% de capixabas.

O início do passeio já proporciona uma visão privilegiada da praia de Camburi e do Porto de Tubarão, além de revelar as faces menos conhecidas das ilhas do Boi e do Frade, com suas construções majestosas.

Próximas à Ilha do Boi, estão as Ilhas do Índio e Ilha do Fato, assim como as ilhas da Galeta de Fora e Galeta de Dentro, algumas das 34 ilhas que compõem o arquipélago de Vitória, que não podem ser avistadas da terra.



Nada é comparável à emoção de perceber a imensidão do Penedo quando se passa bem pertinho dele

Se o destino for Vila Velha, a Curva da Jurema é local escolhido para uma parada estratégica para mergulho. O ponto máximo do passeio é quando a embarcação passa por baixo da Terceira Ponte, quando se tem a noção exata da grandiosidade dessa obra, que tem 74 m de altura entre o vão central e o mar.

Mas nada é comparável à emoção de passar bem pertinho do Penedo, que nesta época do ano está com sua vegetação rupestre florida com orquídeas.

No Centro, o passeio segue alheio ao movimento urbano da cidade. É hora de admirar os portos de Vitória e de Vila Velha, a bela construção do Museu Ferroviário, os navios gigantes

que passeiam lado a lado com pequenos barquinhos de pescadores e outras surpresas que a orla reserva.

Durante o trajeto é possível também ouvir as histórias de piratas e outra curiosidades. Com sorte, o espetáculo é completado pela natureza com tartarugas, golfinhos e arraias que circulam bem próximos à escuna.

No Espírito Santo, você pode passar o verão na praia.

Clima tropical em 416 km de praias.
Clima de montanha com temperaturas que chegam a 18°C. em pleno verão nas cidades de colonização italiana e alemã.
No Espírito Santo, a diferença de temperatura entre praia e montanha é grande. Pequena é a distância: menos de 1 hora de carro.
Passe suas férias no Espírito Santo.
É o melhor lugar para se curtir o verão.
E, na mesma época, o inverno também.

E pode passar o verão no inverno das montanhas.

ESPÍRITO SANTO

SUPERINTENDÊNCIA
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
SECRETARIA DE TURISMO

MONTANHAS

Caparaó: o encontro do Espírito Santo com o céu



O acesso pelo lado capixaba mostra as faces desconhecidas aos visitantes do Parque Nacional do Caparaó, um pedaço do paraíso que ficou escondido até a abertura do portal de Pedra Menina, em Dorcas do Rio Preto. A região, bastante misteriosa, abre suas portas para os aventureiros descobrirem seus segredos.

Visita obrigatória para todos os que praticam trekking ou para os que gostariam de apreciar uma das mais belas paisagens do país, o Parque Nacional do Caparaó é uma das melhores opções e pode seguramente ser incluído entre os mais belos parques naturais do Brasil.

O Caparaó atrai centenas de visitantes, não só por ocupar uma posição de destaque entre os valores culturais e históricos do país, mas também por ter se tornado um sinônimo de beleza, com suas magníficas vistas panorâmicas e possibilidades de superação de desafios para aqueles que gostam de aventuras.

O Parque foi criado em 24 de maio de 1961, pelo Decreto Federal nº 50.646, assinado pelo então Presidente da República Jânio Quadros. Localiza-se a leste de Minas Gerais e sudoeste do Espírito Santo, ocupando parte dos municípios de Espera Feliz e Caparaó, em Minas e, Iúna, Alegre, Dorcas do Rio Preto e Divino São Lourenço, aqui no estado.

Com 26 mil hectares de área, a região possui temperaturas amenas que variam entre 19 e 22°C de dia, podendo chegar a 8°C negativos durante a noite, o que torna os agasalhos equipamentos obrigatórios para enfrentar o frio noturno que paira sobre o parque.

A Mata Atlântica que cobre o Caparaó garante vegetação bastante variada e exuberante por ser o ecossistema que possui um dos maiores índices de biodiversidade no mundo. Quaresmeiras, palmeiras, jequitibás, bromélias e orquídeas são encontradas em profusão, paraíso para biólogos e cientistas.



Touchar as nuvens deixa de ser sonho para quem visita o Parque do Caparaó

No parque, refúgio de espécies da fauna brasileira sobreviventes da ação predatória do homem, são encontrados saracuras, siriemas, beija-flores, gaviões, papagaios, quatis, caxinguelês e espécies em extinção como o mono-carvoeiro.

A rede hidrográfica possui inúmeros rios perenes de pequeno e médio porte. Quedas d'água não faltam. A maior delas, a cachoeira Bonita, tem 80 m de queda livre e é um dos locais mais visitados do Parque, pois fica a apenas 350 m da Tronqueira (uma base de apoio para visitantes), partindo da portaria do lado mineiro. A melhor época para visitá-la é durante o verão, pois com as chuvas seu volume d'água aumenta consideravelmente.

Pode-se descer em segurança por uma escadaria, que leva à piscina formada pela queda d'água, ou ainda, para os praticantes do rapel, pelo meio da cachoeira, pois sua cascata é composta por dois degraus, possuindo estrutura favorável à fixação de cordas e grampos.

No alto da cachoeira existe um mirante que proporciona incrível visão panorâmica, dando uma idéia do tamanho da cachoeira. Não muito longe, estão as gigantes piscinas naturais - algumas chegam a atingir 20 m de comprimento e profundidade desconhecida. O local é de fácil acesso e não traz desgaste aos aventureiros.

Pico da Bandeira é o mais visitado

Ponto alto do Parque Nacional do Caparaó, o Pico da Bandeira atrai montanhistas de todo o Brasil. É o terceiro mais alto do país, com 2889 m de altura, ficando atrás do Pico da Neblina (3014m) e do Pico 31 de março (2292m).

O Pico recebeu esse nome porque em 1859 D. Pedro II mandou colocar uma bandeira do Império lá, acreditando ser o ponto mais alto do Brasil. A subida parece uma tarefa difícil, mas andando devagar e apreciando a bela paisagem, torna-se muito agradável, só ficando mais puxado, nos 2

km finais. A vista que se tem do topo é magnífica. Podemos ver as cidades vizinhas do parque e em julho, sem nuvens e com binóculos, pode-se avistar o litoral capixaba.

De dia leva-se de 3 a quatro horas para subir ao pico e à noite, cerca de 5 horas. Seguir à noite só é aconselhável se for com o acompanhamento de guias ou pessoas acostumadas com a região, pois a trilha fica confusa no escuro.

No topo do pico a temperatura pode chegar a 10°C negativos e somada aos ventos que sopram

sem cessar, o frio chega a ser torturante para quem não está bem agasalhado.

Para presenciar o magnífico nascer do sol é necessária muita disposição para começar a caminhada horas antes e, apesar da subida ser desgastante, assistir a esse espetáculo a quase 3.000 m compensa todo o sacrifício.

Se estiver nublado, as nuvens estarão ao seu redor ou abaixo de você e tem-se a impressão de que são imensos bolos de algodão flutuando, passíveis de serem tocados com as mãos.

SERVIÇO

Há ônibus saindo de Vitória para Manhumirim, de onde se pega outro para Alto Caparaó ou Dorcas do Rio Preto. Não há hotéis na cidade de Dorcas do Rio Preto, mas está sendo implantado com grande sucesso pelo governo o sistema de hospedagem Cama e Café: os visitantes ficam hospedados nas casas dos moradores da região. Para isso basta cadastrar-se na Prefeitura da cidade, de onde o visitante será encaminhado para uma casa. Há também a possibilidade de acampamento dentro do Parque.

Na cidade de Alto Caparaó, há diversas pousadas e hotéis para quem não quiser ficar acampado.

Aqui vão algumas dicas para quem pretende visitar o parque:

Evitar levar peso;

Levar agasalhos e calçados próprios para a prática de montanhismo;

Andar sempre acompanhado e seguir somente pelas trilhas para não se perder;

Não se locomover com cerração; Informar-se sobre as condições climáticas na época de sua visita;

Observar e respeitar a sinalização; Não arriscar-se à toa. As pedras das cachoeiras e riachos são muito lisas e no caso de algum acidente o socorro pode demorar a chegar;

Não jogar lixo nas trilhas e dependências do Parque;

Não descuidar com cigarros ou outros objetos que possam causar incêndios; Não esquecer a máquina fotográfica !!!

Acampamento

Equipamentos para acampar com segurança

Barraca, saco de dormir, karrimat (isolante térmico para ser usado embaixo do saco de dormir (pode ser substituído por camadas de jornal), roupas de frio, bem como gorros e luvas, lanterna, cantil, óculos escuros, bonés e protetor solar para as caminhadas de dia, bota para caminhada (de preferência de cano alto).

Sites relacionados na Internet:
www.geocities.com/Yosemite/Geyser/2360
www.netmar.com/~caparaó
www.ibama.gov.br
www.geocities.com/Yosemite/8929
www.easygold.com.br/Kranio